

# Observações sobre os impasses do enlace amoroso em tempos de aplicativos de relacionamento

*Observations on the impasses of the love bond in times of relationship applications*

Livia Barbosa Correa, Cristiane Marques Seixas,  
Carolina Carvalho Dutra

## Resumo

Discute-se o mal-estar frente às novas modalidades de enlace amoroso que tem como suporte os aplicativos de relacionamento. Parte-se da premissa de que essa modalidade de encontro não subtrai os impasses próprios ao amor. As mudanças decorrentes do avanço neoliberal são tomadas para interrogar os impasses no laço amoroso na contemporaneidade, e se eles decorrem de uma tentativa de forclusão da castração, como indica Lacan a respeito do discurso capitalista. Característico das sociedades neoliberais, este discurso, ao produzir sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo, propõe objetos de gozo – *gadgets* – que visam saturar a falta com a ilusão de satisfação. Os aplicativos de relacionamento podem ser pensados como *gadgets*, na medida em que se oferecem como a promessa de felicidade plena, provocando assim um consumo de relações *prêt-à-porter*, cuja garantia se perde na concretude do encontro presencial, já que o encontro amoroso é o encontro faltoso por excelência.

## Palavras-chave

Mal-estar, aplicativos de relacionamento, discurso do capitalista.

## Abstract

This article discusses the discontent in face of new modalities of love bonding that takes as a support relationship applications. It starts from the premise that this type of encounter does not subtract the impasses inherent to love. The changes resulting from the neoliberal advance are taken to question how the impasses in the love bond are presented in contemporary times, and whether they result from an attempt to foreclose castration, as Lacan indicates regarding the effect of capitalist discourse. Characteristic of neoliberal societies, this discourse, when producing insatiable subjects in their consumption demand, proposes objects of jouissance – *gadgets* – that aim to saturate their lack with the illusion of satisfaction. Relationship apps

**Livia Barbosa Correa**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Graduada em Psicologia pela UFF, Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Psicanálise UERJ, Escritora e Participante da Escola Letra Freudiana.

[livia.psi@gmail.com](mailto:livia.psi@gmail.com)

**Cristiane Marques Seixas**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Psicóloga formada pela UFF, mestre em Saúde Coletiva pela UERJ, doutora em teoria psicanalítica pela UFRJ, psicanalista membro da Escola Letra Freudiana. Professora Associada da UERJ, professora da pós-graduação em Psicanálise e da pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, ambas da UERJ.

[cris.marques.seixas@gmail.com](mailto:cris.marques.seixas@gmail.com)

**Carolina Carvalho Dutra**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, UERJ. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFF. Pós-graduada pelo Programa de Psicanálise e Saúde Mental, UFF.

[linacarvalhodutra@gmail.com](mailto:linacarvalhodutra@gmail.com)

can be thought of here as these gadgets, insofar as they offer themselves as the promise of complete happiness, thus causing a consumption of ready-made relationships, whose guarantee is lost in the concreteness of the encounter in person, given that the amorous encounter is the faulty encounter par excellence.

### Keywords

Discontents, Relationship Applications, Capitalist Discourse.

## Introdução

As questões que circunscrevem a temática do amor sempre estiveram presentes na clínica psicanalítica, desde seu início, com Freud. Podemos estabelecer esta afirmação a partir de dois referenciais. O primeiro, histórico, relativo ao Romantismo que, enquanto movimento artístico, político e filosófico, que reivindicava os aspectos sensíveis e emocionais do indivíduo em detrimento da razão (BERLIN, 2015), acontecia concomitante ao surgimento da psicanálise, no século XIX. O segundo exprime a própria condição que funda o campo onde se dá uma análise, porque Freud, ao não recuar diante de uma paciente frente ao enamoramento dela, deu um lugar para este amor. Estamos nos referindo ao amor de transferência, que, em linhas gerais, constitui um fenômeno presente desde o início do tratamento e refere-se ao deslocamento de sentimentos amistosos em relação ao analista (FREUD, 1912 [2017]). Arriscamos dizer que o amor de transferência é um *novo amor* inventado pela psicanálise e que arroga uma importante função para que haja um trabalho de análise.

Para além dos fenômenos próprios à transferência em análise, há uma outra dimensão do amor que nos convoca, como analistas na prática clínica, a saber: os impasses das relações amorosas, bem como os sentimentos de angústia que podem ser desencadeados em resposta a estes acontecimentos. Sobre os impasses amorosos, Freud (1921 [1976]) se refere ao par antitético amor-ódio, que comparece em uma relação também sobre a vertente afetuosa e sensual. Esses impasses, sobre a não correspondência e completude nas relações, são também apresentados no aforismo lacaniano “Não há relação sexual” (1972-73 [2008]).

As discussões que serão aqui levantadas partem, então, de questões oriundas da clínica, da escuta de sujeitos em análise que colocam em evidência os impasses no amor, impasses potencializados no contexto de isolamento social, em virtude da pandemia de COVID-19. Estas questões dizem respeito ao mal-estar relatado pelos analisantes frente aos novos modos de encontro que tomam como suporte à tecnologia, utilizando como meio os aplicativos (*Apps*) de relacionamento.

De saída, consideramos importante situar que estas questões antecedem a pandemia de COVID-19, embora tenha sido neste período que percebemos um aumento dessas queixas na clínica, bem como o espaço privilegiado que a tecnologia alçou nesse momento histórico, o que permitiu, inclusive, a continuidade de um trabalho de análise. É importante também ressaltar que não há um juízo de valor quanto ao uso ou não dos aplicativos, sendo a intenção do trabalho investigar o que desta mediação se produz e com quais efeitos.

Os aplicativos aos quais nos referimos, em geral, possuem como objetivo ser uma ferramenta de cadastro de perfis, onde se pode acessar sempre que houver interesse em buscar algum tipo de interação. Destacam-se como alguns dos aplicativos mais usados em nosso país: Tinder, Inner Circle, Bumble e Happn. Cada um oferecendo sua promessa.

O Tinder é um aplicativo de relacionamento baseado em geolocalização, que permite que os usuários criem conexões a partir de perfis pessoais. Seu funcionamento é baseado na disponibilização de cadastro e acesso de perfis de diferentes pessoas a partir de seus interesses. Se gostar do perfil, basta que o usuário deslize o dedo sobre a tela para a direita; caso contrário, é só deslizar a tela para a esquerda. Quando dois usuários gostam um do outro, o app envia uma notificação, nomeada como “*Match*” e permite que ambos iniciem uma conversa. O Tinder chegou ao Brasil em 2013, sendo o terceiro país em número de usuários na plataforma no mundo. O primeiro e segundo lugar ficam para os Estados Unidos e Reino Unido, respectivamente.

O Inner Circle foi criado por David Vermeulen em 2012, quando, após o fim de um longo relacionamento, passou a pesquisar sites de namoro online e descobriu que eles estavam muito preocupados com a quantidade não na

qualidade dos *Matches*<sup>1</sup>. O Inner Circle apresenta-se como “aplicativo de namoro somente com perfis verificados e detalhados. Sem perda de tempo”. Sua promessa reside no fato de que as relações que ali se articulam aproximam “pessoas solteiras que sabem o que querem”. Em sua descrição também é destacado que os perfis correspondem a pessoas reais, aspecto que muitas vezes aparece como questão ou surpresa na fala dos analisantes que se referem ao uso desses aplicativos.

Já o Bumble, aposta ter um diferencial na medida em que somente a mulher pode iniciar uma conversa em caso de interesse mútuo. A proposta é ser uma rede social que dá lugar privilegiado às mulheres, na medida em que busca romper com “regras antiquadas dos relacionamentos tradicionais”, favorecendo que as usuárias se sintam confiantes em qualquer tipo de relação, seja ela de romance, amizade ou *networking*<sup>2</sup>. Com o olhar voltado para as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no uso dos *Apps* de relacionamento, o Bumble apresenta outras funções adicionais, como verificação de usuários para evitar a criação de contas fake (falsas) e um recurso para combater a prática de *Ghosting*, que é quando alguém deixa de responder, sumindo da conversa como um verdadeiro fantasma. Além disso, a descrição do aplicativo associa relacionamentos saudáveis a uma vida positiva e produtiva, num claro apelo à saúde.

Por fim, o Happn é um aplicativo que se baseia na localização dos que fazem uso da ferramenta e traz a seguinte chamada: “A gente acaba conhecendo alguém quando menos espera”. Esse aplicativo coloca em contato pessoas que circulam pelo mesmo espaço geográfico. A novidade é na outra ênfase deste aplicativo, pois os perfis indicados na *timeline*<sup>3</sup> trazem pessoas desconhecidas cujos caminhos se cruzaram no dia-a-dia, mesmo sem saber, o que em tese já indicaria uma facilidade de estabelecer um relacionamento. E ainda, a ideia de sincronicidade alimenta um aspecto metafísico dos encontros, pois segundo o aplicativo “Dizem que é o destino que coloca duas pessoas no mesmo lugar e na mesma hora. Seria uma pena perder essa oportunidade, não?” Vale destacar que o nome deste app traz parte do significante em inglês que traduz a felicidade – *happiness* – e faz homofonia com a palavra *happen*, que significa acontecer. No mundo dos *Apps* de relacionamento, nada parece ser por acaso.

Vemos, assim, nessa breve descrição de alguns dos aplicativos de relacionamento mais utilizados no Brasil que as questões próprias ao encontro amoroso são enfocadas como algo objetivável e manejável pela via da tecnologia. Ou seja, a aposta em uma matematização do comportamento e na plataformação<sup>4</sup> do amor veicula a ideia de que é possível a previsão e, conseqüentemente, um controle sobre as relações, livrando o humano do fantasma do desencontro.

A psicanálise, ao se constituir como uma práxis que visa tratar o real pelo simbólico se ocupa do amor em diversos aspectos. Como já indicado de início, o amor constitui o motor do tratamento sendo a via pela qual se inscreverá uma suposição de saber na figura do analista, ou seja, na transferência o sujeito supõe que este outro, o analista, possui um saber que escapa ao sujeito. É também um amor que demanda ser amado. Se do lado do analisante o que está em jogo na transferência é a demanda de ser amado, o que se coloca do lado do analista é algo de outra ordem. Trata-se de escutar, a partir das repetições na transferência, a posição do sujeito diante da escolha amorosa.

Ao longo da obra de Freud percebemos a relevância que o tema do amor adquire, através de diversos textos publicados no período entre 1910-1918, no que se refere ao fenômeno amoroso, ganhando assim algumas conceituações. No texto, *Sobre a Mais Geral Degradação da Vida Amorosa* (1912 [2018]), Freud apresenta uma característica geral da vida amorosa do homem, salientando a relação entre a depreciação do amor e o fenômeno da repetição:

## 1

“Dar um *Match*”: é a expressão usada em aplicativos de relacionamento quando a interação proporciona a formação de um par com outra pessoa que utiliza o mesmo aplicativo. A expressão se popularizou por todo o Brasil com a crescente adesão a esse tipo de aplicativo.

## 2

*Networking*: é a ação de trabalhar sua rede de contatos, trocando informações relevantes com base na colaboração e ajuda mútua.

## 3

*Timeline*: é uma palavra em inglês que significa “linha do tempo”. Trata-se da ordem das publicações feitas nas plataformas sociais online, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos.

## 4

A plataformação corresponde à penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Também envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020)

Mas a psicanálise nos ensinou: quando o objeto originário de uma moção de desejo foi perdido em consequência de recalçamento, ele vai ser representado, com frequência, por uma série infundável de objetos substitutos, dos quais, entretanto, nenhum vai bastar completamente. Isso pode nos explicar a inconstância na escolha de objeto, a “fome de estímulo”, que tantas vezes caracteriza a vida amorosa dos adultos (FREUD, 1912 [2018], p. 150).

A partir do destaque acima, entendemos que Freud não define o fenômeno amoroso, mas esboça um traço comum aos sujeitos no que se refere às dificuldades nas relações amorosas, a saber, a infundável série de objetos substitutos que não satisfazem completamente e justificam a “fome de estímulo” no amor. Nessa mesma linha de raciocínio, ele já apresenta um antagonismo entre a cultura e a satisfação dos impulsos eróticos, que serão desdobrados anos mais tarde em *O Mal-estar na Civilização* (1930 [1976]).

No texto *À Guisa de Introdução ao Narcisismo* (1914 [2004]), Freud apresenta a questão da constituição do eu a partir dos componentes autoeróticos – em que todo investimento libidinal está voltado para o corpo próprio fazendo coincidir fonte e objeto – para considerar a parcialidade da pulsão no que diz respeito aos objetos que podem trazer satisfação pulsional. Esse importante texto freudiano introduz a diferenciação entre a libido do eu e a libido objetual, indicando os caminhos futuros da teoria pulsional<sup>5</sup>. Nessa perspectiva, a libido objetual constitui um complemento necessário à gênese do eu, submetendo-o ao que é da ordem da pulsão sexual. Desse modo, a constituição do eu é dependente de um investimento libidinal e implica necessariamente o outro colocado no lugar do objeto.

É a partir desse desenvolvimento teórico que Freud aborda o amor a partir dos investimentos libidinais no objeto, possibilitando que ele apresente um elemento teórico fundamental sobre a matriz que orienta a escolha de objeto amoroso. Essa escolha do objeto amoroso pode acontecer por duas vias: a narcísica e analítica, que guardam entre si, vestígios de dois tempos. Um tempo primitivo, denominado de autoerótico, onde não se constituiu ainda uma separação das pulsões sexuais e as pulsões do eu, e um segundo tempo, onde ele nomeia como fase objetual, justamente onde essas pulsões se separam. A escolha narcísica tem como modelo a imagem de si mesmo, por exemplo, o que somos, o que fomos e o que gostaríamos de ser. Já a escolha analítica ou de apoio, para onde é dirigido um investimento, tem como modelo as pessoas que se ocuparam dos cuidados com o sujeito, ou, em outras palavras, as funções materna e paterna.

Neste mesmo texto, Freud faz uma aproximação entre a ideia de amar e ser amado, à redução ou elevação do autoconceito, que em livre tradução, podemos entender como autoestima ou sentimento de si. Afirma que:

O amor propriamente dito, por envolver anelo ou privação, rebaixa o autoconceito, ao passo que o fato de ser amado, de ser correspondido e de ser a posse do objeto amado eleva novamente o autoconceito. Porém, quando a libido está recalçada, o investimento amoroso é sentido como uma gravíssima diminuição do Eu e a satisfação amorosa torna-se então impossível (FREUD, 1914 [2004], p. 117).

Nestes recortes acerca do fenômeno amoroso, nos chama atenção como Freud apresenta que as escolhas amorosas são guiadas por um esforço em atingir uma perfeição egóica. Em resumo, o fenômeno amoroso se destaca como um meio através do qual o ser humano busca se encontrar, não apenas com uma experiência de perfeição, mas além disso, de plenitude através de um reencontro com seu narcisismo primário, onde se supõe uma unidade entre o eu e o objeto.

Este recorte da teoria freudiana se articula aos aplicativos de relacionamento na medida em que escutamos a repetição dos impasses da escolha de

## 5

Vale registrar que o texto sobre o narcisismo está localizado na primeira teoria pulsional em que as pulsões eram divididas em pulsões de autoconservação e pulsões sexuais (libido). É justamente a ideia de um “complemento libidinal” que se agrega ao autoerotismo que proporcionará a virada de 1920 da teoria pulsional. A segunda teoria pulsional passará a considerar as pulsões de autoconservação no conjunto da pulsão de vida, juntamente com as pulsões sexuais, em oposição à pulsão de morte.

objeto amoroso também neste contexto, para onde o sujeito direciona seus investimentos libidinais. Nesse sentido, o amor e seus impasses parecem conformar uma dimensão da fantasia primordial do sujeito (FREUD, 1914 [2004]) cujo correlato inconsciente é o sintoma. Podemos considerar que o amor, ao seu modo, também comporta uma parceria sintomática com o outro, reproduzindo no contexto dos aplicativos de relacionamento o modo como se dá a escolha amorosa também no encontro presencial. Assim, a busca pelo objeto amoroso nos aplicativos se mostra também como uma tentativa de resgatar aquilo que lhe foi dado, ou aquilo o que se foi na infância, o que foi perdido, na visada de revogar sua falta. Citamos Freud:

O estado de paixão consiste em um transbordamento da libido sobre o objeto (...) contudo, podemos afirmar que a paixão se baseia nas condições de amor vigentes na infância, de modo que tudo aquilo que puder realizar essa condição infantil de amor será idealizado (FREUD, 1914 [2004], p.118).

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1921 [1976]), outras elaborações acerca do amor são apresentadas, como a supervalorização do objeto amado a partir da distinção entre Idealização e Identificação, apontando para o caráter polissêmico dele.

No capítulo *Estar Amando e Hipnose* (FREUD, 1921 [1976]), Freud marca que os impulsos sexuais presentes no amor sensual tendem a se extinguir quando se satisfazem. E para que os laços entre as pessoas possam durar, tem que haver componentes afetuosos. Outra observação que Freud apresenta neste capítulo é que para as mais variadas formas de relação, a palavra “amor” era empregada, o que o levou a indagar se aquilo que se denominava amor, o era de fato. Ao amor comum, Freud chamará de enamoramento ou amor sensual, sendo a forma pela qual um ou mais investimentos objetivos da ordem das pulsões sexuais tem como função a satisfação.

Destaca-se neste capítulo a aproximação que Freud promove entre estar amando e hipnose. Em ambos os casos o enamorado ou o hipnotizado apresentam grande humildade com relação ao outro e ambos também renunciam suas iniciativas pessoais, porém no caso da hipnose, não há satisfação das aspirações sexuais que no enamoramento se apresenta como uma hipótese de ser satisfeita no futuro. A maior distinção destes dois casos é que na hipnose as características de submissão, docilidade e falta de senso crítico apresentam-se com maior clareza. Pode-se notar que em ambos os casos ocorre um abandono dos desejos do ideal do Eu, porém no enamoramento isso ocorre de forma temporária. Na hipnose, por exemplo, existem pessoas que não se permitem hipnotizar e existem aquelas que se mostram demasiadamente receptivas ao processo hipnótico.

Em o *Mal-estar na Civilização* (1930 [1976]), Freud empreenderá um importante estudo sobre os conflitos das exigências pulsionais e das restrições postas pela cultura. Para isso, investigará diferentes processos que estão envolvidos na constituição do eu, bem como de que maneira se dá o enodamento com a cultura, do qual é resultado e constituinte. Há também a discussão em torno do anseio por amparo e proteção frente ao enigma do sentido da vida, que o ser humano busca. Sem resposta universal, dirá que a felicidade é o que se busca, mas que ela só pode ser constituída por cada um, singularmente.

A fonte de mal-estar, segundo Freud, se origina a partir de três dimensões, sendo elas, o poder devastador e implacável das forças da natureza, a ameaça de deterioração e decadência que vem de nosso próprio corpo, e o sofrimento advindo das relações entre os humanos. E nesta perspectiva, ele destacará que a maior fonte de sofrimento são nossos relacionamentos. Se o outro, por um lado, apresenta-se em sua irredutível dimensão como o inferno corporificado, de outro lado, sem tal encontro não

haveria mundo humano. Logo, a constituição da esfera psíquica depende do encontro com a alteridade.

No texto *Considerações sobre o mal-estar na civilização* (2005) Giselle Falbo nos aponta que a análise da proposição do amor universal, da mediação que resulta do apelo à imagem do semelhante, da reciprocidade inerente ao amor, é precária. Se por um lado o narcisismo favorece alguma forma de harmonia, por outro, este circuito está profundamente marcado pela rivalidade e pela tensão entre amor e o ódio.

Na trilha das formulações freudianas sobre o mal-estar, identificamos que a hostilidade entre os homens promove uma leitura de que a ameaça seja algo permanente e estrutural, decorrente do fato de que o eu se constitui a partir da imagem emprestada pelo semelhante.

Ainda com Freud, neste breve percorrer acerca do amor, podemos perceber que os motivos que levam às escolhas amorosas são diversos, ainda que obedeçam a alguma estrutura psíquica – na constituição subjetiva, e que a cultura possui um atravessamento significativo ao delinear os modos de se compor os laços. O que retoma nossa questão: como é possível os laços na atualidade durarem, nessa era em que o imediatismo, tudo à um deslizar de tela, é o imperativo?

Sabemos que o avanço tecnológico está em grande parte a serviço de proteger o ser humano do sofrimento e da morte, compreendendo um dos possíveis remédios para o mal-estar. No entanto, nos faz questão a rapidez como tem se dado esse avanço nos últimos anos, lançando o ser humano em territórios nunca antes explorados. Os aparelhos celulares cada vez mais requintados e carregados de aplicativos cada qual com sua funcionalidade devidamente justificada, colocam a vida na ponta do dedo. Rapidez, praticidade e a garantia de ter tudo ao alcance das mãos, trazendo a ilusão das soluções fáceis fazendo-nos operar a partir de uma lógica que implica necessariamente o consumo do que sustente essas garantias.

Na sociedade capitalista em que impera o modo neoliberal de gestão da vida, podemos de pronto concluir que ainda não tivemos tempo suficiente para compreender os efeitos devastadores dessa lógica sobre todo aquele que vive a vida na incompletude própria do humano. Podemos, contudo, situar algumas questões que nos instigam pensar a partir da crítica a uma sociedade marcada pelo avanço do neoliberalismo, que enseja o surgimento dos aplicativos de relacionamento.

De acordo com Dardot e Laval (2014) o conceito de neoliberalismo não diz somente de uma ideologia ou um tipo de política econômica, mas de um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida.

Nesta passagem ao neoliberalismo, outras conceituações sobre a cultura ganham relevância para pensarmos a disposição do sujeito na sociedade. É nesse sentido que vale destacar a diferenciação entre a sociedade disciplinar característica dos séculos XVIII e XIX e a sociedade da performance, como nos aponta Byu Chul Han (2017). Enquanto nas sociedades disciplinares o poder se exercia a partir do controle e da coerção visando a produção de corpos dóceis afeitos ao modo de produção capitalista, na sociedade da performance os dispositivos disciplinares típicos do capitalismo industrial já não são mais necessários para garantir a produção. O desempenho substitui a obediência coercitiva. Na sociedade da performance, os indivíduos não necessitam ser forçados a produzir, eles o fazem por sua própria vontade como parte do exercício de sua liberdade e do desenvolvimento de um projeto de realização pessoal e individualista, no qual essa dita liberdade se realiza.

Como apontam Dardot e Laval (2014) o trabalhador do capitalismo é substituído pelo “empresário de si” do neoliberalismo, aquele que veste a camisa da empresa de si e cria a todo momento modos de vender sua imagem. Neste bojo, a tecnologia da informação aparece como uma importante ferramenta na disseminação de práticas, ideias e valores,

## 6

Supõe-se que o trabalho tenha sido escrito entre os anos 385 a.C. e 380 a.C.

através da internet e suas redes, e se oferecendo como o melhor, mais rápido e mais fácil caminho capaz de construir e manter “relações”.

Apesar do grande avanço científico, entendemos que o advento da tecnologia da informação que contempla também a grande disseminação dos aplicativos, sendo eles de encontro ou de outra natureza, não foi capaz ainda de desvencilhar o sujeito do sofrimento e da angústia, peculiares à condição humana. As telas (computadores, tablets e *smartphones*) ganharam importância, sobretudo no contexto de isolamento social, em que a internet foi um recurso importante para manter as pessoas conectadas. Um momento notadamente inédito de um aumento da presença ainda que com a ausência dos corpos. Nesta direção, os aplicativos destacam-se por oferecerem facilidades na busca por serviços, compras e – por que não? – encontros amorosos.

Durante os atendimentos, podemos observar que entre o objetivo a que se destinam os aplicativos de relacionamento, em seu caráter mais explícito, e o objetivo dos analisantes que relatam fazerem uso desses, parece haver uma supervalorização no que se refere às expectativas e, muitas vezes um abismo na consecução. Tanto os aplicativos, que são apresentados como um meio de promover encontros entre pessoas, quanto os analisantes, que falam dos seus usos como um lugar de investimento de uma possível relação amorosa e que pode oferecer alguma garantia, indicam para este lugar da supervalorização. Isto ocorre na medida em que se pode definir um certo padrão de busca, que vai desde características visuais, até afinidades de gosto musical e visão política, por exemplo, sendo o *Match* o evento que confere a existência do interesse mútuo, sugerindo alguma garantia “sem estresse, sem rejeição” – de acordo com a própria descrição de um dos aplicativos.

Se por um lado, escutamos falas que apontam para a possibilidade de encontrar, neste ambiente dos aplicativos, a pessoa “ideal”, por outro lado, bem mais frequente, as falas indicam um mal-estar frente ao uso dos aplicativos: “Eu me sinto um objeto”; “O que nos restou foi a tela”; “Eu marquei um encontro com o fulano, mas caso não aconteça, tenho mais 3 que estou conversando”; “Estou cansada. Muito difícil encontrar Um”.

Percebemos que, tão logo iniciam-se as investidas no aplicativo, o abismo fica evidenciado nas queixas que, em muitos casos, se referem a uma sucessão de desencontros que culminam em um grande mal-estar. Alguns movimentos que decorrem dessas experiências vão ganhando contorno nas sessões. Como por exemplo o *Ghosting* que, como dito anteriormente, é quando acontece um rompimento brusco nas trocas de mensagens, quando há o desaparecimento do *Match* e as conversas que sugeriam algum êxito não se desdobram em um encontro presencial, colocando em xeque a expectativa de futuro de uma possível relação.

No que diz respeito ao amor, Lacan em O Seminário, livro 8: A transferência (1960-61 [1992]) vai propor uma leitura que parte exatamente daquilo que ao sujeito falta, sustentando que “amar é dar o que não se tem” (p. 41). Nesse seminário, recorre ao texto filosófico O Banquete<sup>6</sup>, de Platão (2012) para ilustrar o mito do amor em sua fantasia de completude. A partir do recurso ao episódio mítico, onde entra em cena a posição do amante e do amado, sendo àquele o sujeito da falta, e este, o que não sabe o que tem. Assim, é que se produz a significação no amor. Ou seja, é preciso que o sujeito se reconheça como faltante e dividido para poder amar, pois só ama quem reconhece uma falta em si mesmo. Essa falta é estrutural e não será preenchida pelo outro, pois o outro, o amado, também é faltoso. É neste descompasso, disjunção, que pode aparecer o desejo.

Assim, o amor não faz de dois, apenas um. O amado não é completo e não completa o amante. E por isso mesmo, vai sempre dar notícias sobre isso. Podemos pensar esta formulação nas relações empreendidas nos aplicativos, quando há o desaparecimento do *Match*, da conversa, da falta ao encontro presencial? Será que isso pode impulsionar o amante para seguir



com sua busca imaginária pelo parceiro ideal, num deslizar de telas? Ou seria justamente essa ausência do outro no lugar da completude, a fonte de angústia e mal-estar?

Em *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70 [2016]), Lacan elabora sua teoria dos discursos, onde apresenta os discursos como laço social por serem tentativas de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida em que a inserção do sujeito na civilização implica um enquadramento da pulsão que resulta em perda de gozo. Nesse mesmo seminário, Lacan propõe a existência de quatro discursos – do mestre, do universitário, da histérica e do analista – relacionando-nos a quatro maneiras das pessoas se relacionarem entre si, quais sejam: governar, educar, psicanalisar e fazer desejar. De modo bastante introdutório, Lacan refere-se a uma mutação no discurso do mestre que confere a esse “seu estilo capitalista” (p. 160).

O discurso do capitalista, por sua própria estrutura, não constitui um quinto discurso, ele é mais um. Lacan situa o mal-estar contemporâneo decorrente do modo de produção capitalista e apresenta-nos a maneira como a ciência e o mercado, ao se encontrarem, tornam-se poderosos e implacáveis, impossibilitando o tratamento do gozo pela linguagem. É na *Conferência de Milão* (1972) que Lacan escreve pela primeira e única vez o matema do discurso do capitalista (Figura 1) e afirma que este discurso foraclui a castração, inviabilizando o próprio laço social.

### Discurso capitalista

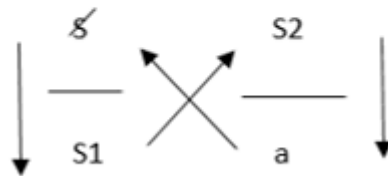


Figura 1: Matema do discurso da capitalista (LACAN, 1972).

Essa concepção é reforçada no texto *Televisão* (1973 [2003]), em que postula que o laço social preponderante na contemporaneidade é o discurso do capitalista. Este discurso promove uma nova economia libidinal, uma nova relação entre o sujeito e o modo de gozar, a qual é caracterizada por um tipo de satisfação que não passa pelo Outro e, por isso, deixa ao sujeito um gozo autista, um traço tão característico das sociedades neoliberais.

O discurso do capitalista, ao produzir sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo, propõe a estes sujeitos, objetos de gozo – os *gadgets* – que visam saturar a sua falta com a ilusão de que poderão encontrar neles a satisfação. Os aplicativos de relacionamento podem ser pensados como esses *gadgets* na medida em que se oferecem como a promessa de felicidade plena ou de um encontro feliz.

No artigo *Laço Social, Temporalidade e Discurso: Do Totem e Tabu a Discurso Capitalista* (MALCHER; FREIRE, 2016), os autores apresentam a ideia de que o discurso do capitalista suprime o tempo de compreender, uma vez que só há espaço para o instante de ver e o momento de concluir, este, numa precipitação, pois o imperativo é: goze! Um gozo que não se deixa apreender, que resta como impossível, inacessível, deixa o sujeito frustrado, mas relança a promessa: nada de tempo para compreender, que venha o novo lançamento, o novo aplicativo, o novo *Match!* Essa proposta

nos parece interessante, uma vez que articula esse tempo do imediatismo, da rapidez da resposta à construção do tempo lógico proposta por Lacan.

Da mesma maneira, Ansermet, em seu texto *Tudo, tudo imediatamente* (2011) nos aponta que o próprio do mundo contemporâneo é o direito a um gozo sem limite, sem demora, o que promove uma nova relação ao tempo, um tempo fora do tempo, eterno presente que captura como instante do olhar, com cada vez menos tempo para compreender o momento de concluir.

Finalizamos assim com um recorte do texto de Heloísa Caldas (2008) que nos orienta na direção de articular os termos da reflexão aqui exposta:

Assim, no instante de ver do encontro, o sujeito é, em tese, sempre feliz. Trata-se de um ponto zero que se abre a alternativas. É um instante de promessa. No tempo de compreender, que atenua a vibração da felicidade, o sujeito desdobra sua resposta sintomática desse encontro por meio do trabalho incansável do inconsciente. Como Freud comenta, trata-se do sintoma como trabalho de laço social e, afinal, é disso que se trata no cultivo dos jardins e dos semblantes. Mas, quanto ao momento de concluir, nem sempre o sujeito é feliz (CALDAS, 2008, p. 6-7).

Não poderíamos deixar de nos referir também ao O Seminário, livro 20: *Mais, Ainda* (1972/73 [2008]), onde Lacan vai dizer que o que está em questão nesta não complementariedade entre amante e amado, é a inexistência da relação sexual. Ele diz “Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado – perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto a – e do outro, direi, enigmático” (LACAN, 1972/73 [2008], p. 155). É através do aforismo *A relação sexual não existe*, que ele postula que há uma falta estrutural que incide sobre o sujeito ao entrar na linguagem, motivo pelo qual afirma não haver também complementariedade entre homem e mulher, e muito menos uma completude que de dois faça Um.

Entretanto, o encontro amoroso mediado pelos aplicativos de relacionamento, seguem, em alguma medida, essa lógica do discurso capitalista que deixa o sujeito sem lugar, referido ao Outro em sua completude e não em sua falta, como nos assevera Lacan em *O Seminário, livro 8: A transferência* (1960-61 [1992]) e mais radicalmente em *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972/73 [2008]). Se ao outro nada falta, a que o sujeito no encontro amoroso vem em resposta? Que laço se faz possível a partir desse *gadget*, que promete um encontro feliz “sem estresse, sem rejeição”, sem perda de tempo e, talvez, sem castração? Questões do nosso tempo sobre as quais a psicanálise precisa avançar, haja vista que a não complementariedade entre os sexos não impede que o ser falante continue acreditando na existência da relação.

Em virtude dessa ilusão, o objeto de amor se constitui como uma construção imaginária, sempre nessa empreitada de preencher uma falta estrutural, bem como na tentativa de suprir a inexistência da relação sexual, mas uma construção imaginária que, enodada ao simbólico, enlaça também o real da não relação sexual. Nas palavras de Lacan:

*Nós dois somos um só.* Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas enfim, *nós dois somos um só.* É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado (LACAN, 1972/73 [2008], p.52).

É aí que se funda o desejo, na permanência de uma constante insatisfação que lança o ser falante na busca por novos objetos, em busca de uma satisfação absoluta. Mas também, é o desejo que permite que duas

pessoas se amem, na medida em que, por seu caráter metonímico, de deslizar, impede que haja uma plena satisfação.

Diante dessa não completude, Lacan esclarece uma nova função do amor onde se define um real. Para Heloísa Caldas, o momento de concluir vai depender das consequências que cada sujeito extrai do encontro com a inexistência da relação sexual e “de como lida com a promessa que não se cumpre. Ou seja, de como faz amor e felicidade a partir de um discurso que não seja semblante alheio ao real” (2008, p. 7).

Considerando que para a psicanálise não há saída que possa ser generalizada, a não ser no singular de cada um, há que se ofertar uma escuta que interroge no discurso, esses impasses das relações via aplicativos de relacionamento. Apostamos na escansão do tempo que o discurso analítico opera, para que algo possa ser decantado, elaborado, instaurando um tempo de compreender como refreamento ao gozo que o discurso do capitalista impõe. Ainda que a Psicanálise não programe o bom encontro, que se deve à contingência, apostamos no discurso analítico, que acolhe as coisas do amor, ao colocar em jogo a castração.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 06/01/2021

**Aceito:** 10/02/2021

## Referências bibliográficas

- ANSERMET, F. **Tudo, tudo imediatamente**, Correio n.70, 2011.
- BERLIN, I. **As raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- CALDAS, H. O amor nosso de cada dia. **Latusa**, n. 13, p. 1 – 8, 2008.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2014.
- FALBO, G. **Considerações sobre o mal-estar na civilização**. In: Angela C. Bernardes. (Org.) 10 x Freud. 1ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2005, p. 147-164.
- FREUD, S. Sobre a dinâmica da Transferência (1912). In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund: Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Freud. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017, p. 107 - 120.
- FREUD, S. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa (1912). In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018, p. 137 - 154.
- FREUD, S. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95 - 131.
- FREUD, S. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 89 - 169.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 81 - 171.
- HAN, B-C. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 8**: a transferência (1960-61). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 20: mais, ainda (1972-73)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise (1969-70)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

LACAN, J. **Conférence à l'université de Milan (1972)**. Disponível em: <<http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/italie.htm>>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

LACAN, J. **Televisão (1973)**. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 508 - 543.

MALCHER, F.; FREIRE, A. B. Laço social, Temporalidade e Discurso: Do Totem e Tabu ao Discurso Capitalista, **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. XIX, n. 1, p. 69 – 84, 2016.

PLATÃO. **O Banquete**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

POELL, T; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização, **Fronteiras – Estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.